



Vivam, os Santos Populares



Nesta Edição:

Apontamento	2
Lamento do Artista	3
Morreu a Lola	4
A Marisa do Escritório	5
Detalhes da Vida de um Músico	6
Segredar ao Coração	7
Cantinho dos Provérbios	8
Cantinho das Anedotas	9
Viva o Teatro	10
Recordações	11
Factos Y Ficcionismo	12

Boletim Informativo Casa do Artista

Editorial

Volume XXXVI, Edição II

Maio de 2019

GRANDE MARCHA DE LISBOA 2019

Foi em 1935 que, pela primeira vez, todas as marchas cantaram uma composição comum e, oito décadas passadas, a tradição ainda é o que era. Podemos dizer que os versos a que Amália emprestou a voz, na Grande Marcha de Lisboa de 1950, foram proféticos: “Enquanto os bairros cantarem, enquanto houver arraiais, enquanto houver Santo António, Lisboa não morre mais”. E não há dúvida que Lisboa e a sua Grande Marcha continuam bem vivas e afinadas nas vozes de todos os que desfilam na noite 12 de Junho.

LISBOA ALEGRE E TRISTE

Letra e Música: Augusto Madureira

Ai canta-me um fado

Começa baixinho, ninguém vai ouvir

Depois à janela

Grita a vida é bela e toca a sorrir

Recolhe a tristeza

Estende-a sobre a mesa

que a casa é assim:

Ainda é portuguesa

Paredes caiadas, cheiro a alecrim

Lisboa também é procissão

É bombo, acordeão

O som de uma fanfarra

Severa, Amália e saudade

Amores proibidos

Nos sentidos consentidos

Lisboa tem um nó na garganta

Por isso quando canta

É a alma que chora

Lisboa é como uma criança

Que sai de madrugada

Pelas vielas, vai à praça

Vender sonhos, foge à escola

Perdida no meio da multidão

Anda de mão em mão

Tem um olhar profundo

Que pede, suplica ao passar

(É marcha popular):

Oh meu querido Santo António

De Lisboa e do mundo

Retirado da revista da EGEAC “festaslisboa’19” (Junho 2019)

APONTAMENTO

Era criança. Vivia em liberdade, pois morava perto de um bosque com lindas árvores, plantas e flores. Por lá davam-se lindos passeios. Tinha uma amiga chamada Ana. Estava um lindo dia e combinámos dar um passeio. Lá fomos pelo bosque, cantando, demos passos de dança e apanhámos flores. No regresso, quase de noite, já perto de casa, vi o meu pai caminhando em minha direcção. Corri para ele e beijei-o com muito amor, pois percebi que estava preocupado, porque a tarde já ia longe. Entrei em casa e vi um gato que o meu pai tinha recolhido. Fiquei muito feliz e dei-lhe o nome de Lilo. E assim passei um dia divertido e tive uma noite muito feliz.

Autora: Lila

(Secretária/Residente da Casa do Artista)



**“Mal d’amor é sofrimento
de que ninguém deve rir,
pois quem ri, desse tormento,
pode sem querer, lá cair.”**

Christovão

Colabore com a próxima edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista” 2019, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

LAMENTO DO ARTISTA

Já sei que para mim
Palco...nunca mais!
Nem sei com vai ser
As tábuas para mim
São uma atracção valente
O cheiro do pó e o calor
Não só dos aplausos
Como dos projectores
Que envolviam o meu corpo
São elementos
Que não poderei jamais
Vir a esquecer
A voz que ao princípio
Parecia ter-me abandonado
Começa a dizer-me
Eu não te abandonei
Fui só para férias
Podes contar comigo.

Autora: Nilza Moreno

(Artista da Rádio/Cantora Ligeira e Residente da
Casa do Artista)



MORREU A LOLA

Recebi uma triste notícia do Algarve, uns amigos meus de Portimão disseram-me que tinha morrido a Lola. De seu nome verdadeiro Manuel Palma Alfarrobeiras. Tinha quase 70 anos, mais novo que eu.

Fui eu e a Luísa Afonso, que nos anos 80 lhe demos o cartão de Sócio do Siarte, quando ele veio de França, onde esteve alguns anos a trabalhar, onde entre várias coisas fez a imitação da Amália. Eu fiz cá em 1974 em Cascais e ele em Paris. A grande vedeta também lhe deu vestidos e uma vez viu uma actuação dele, e por graça disse: “agora já posso morrer descansada, você é igual a mim”. Parabéns, Amália gostou imenso dele. Eu também o vi trabalhar no “Finalmente Clube” e adorei, era igual. Ele quase não precisava pintar a cara, era muito parecida com ela e tinha uma irmã com quem vivia, que como mulher ainda mais parecida ficava com a nossa Rodrigues. A mãe morreu vítima de cancro nos anos 80 ou 90, na casa deles em Portimão.

A Lola trabalhou muito com o Zé Portugal, nos seus espectáculos em Lisboa, em Cacilhas, no “Duche” da Caparica e numa conhecida boíte na Piedade. Também actuou no Porto e no Coliseu de Lisboa. Deixei de o ver na noite e perguntei por ele e foi-me dito que só trabalhava no Algarve. Nesta altura, eram os anos 90. Nunca mais voltei a ouvir falar dele até que me chegou a triste notícia da sua morte.

Morreu um grande actor-transformista, um grande Amaliano, uma autêntica Dupla de Amália. Descansa em Paz maravilhosa Lola.

Autor: Júlio Coutinho

(Actor/Residente da Casa do Artista)

“ A vida na grande terra
Corrompe a humanidade
Entre a cidade e a serra
Prefiro a serra à cidade”

António Aleixo,
poeta popular algarvio (1899-1949)

A MARISA DO ESCRITÓRIO

Bem bonita e bem falante
Já lá está à secretária
É alta e muito elegante
A Marisa escriturária

Minha amiga quem diria
Para mim é um regalo
Está lá na secretaria
Vem de rabo de cavalo

Usa óculos para ver
Gostei de a ouvir falar
É uma bela Mulher
Fomos os dois almoçar

A Marisa que é fadista
Pessoa muito educada
Estão na “Casa do Artista”
Mais a Marisa empregada

Foi embora uma Senhora
E veio um novo Senhor
Foi mais uma Directora
E vem mais um Director

Foi para casa a Leninha
Não achava graça a nada
Agora falta a Marcinha
Essa já está reformada

Se aquilo que a gente sente
Tudo o que se diz e não diz
A Marisa é boa gente
Que seja muito feliz

Menina de santa virtude
Que bem anda, que bem pisa
Que tenha muita saúde
Beijinhos dona Marisa

Vai ter novas amizades
Tanta actriz e tanto actor
Com milhões de felicidades
E quem sabe algum amor

Posso oferecer um café
Esta oferta é uma gracinha
De casa lá vem a pé
Vem de perto é na Pontinha

Lá está tudo no trabalho
A Marisa é a primeira
Dona Conceição Carvalho
O Tiago e o Madeira

Chego eu sou residente
Bom dia senhor Coutinho
A Marisa está presente
Receba meu, um beijinho

Autor: Júlio Coutinho

DETALHES DA VIDA DE UM MÚSICO

Nasci em 1951 na aldeia das Perolivas, freguesia e concelho de Requengos de Monsaraz. Com 10 anos iniciei os estudos musicais na Filarmónica local, onde toquei requinta (família do clarinete). Dos 12 aos 18 anos toquei acordeão nos bailes daquela zona do Alentejo. Esta experiência teve uma influência fulcral na forma como encarei mais tarde as minhas funções de solista da Orquestra Gulbenkian.

Em 1970, com 18 anos e mediante concurso público, ingressei na Banda da G.N.R., onde, por imperativo militar (necessidades da banda) iniciei os estudos de fagote.

Com a chegada a Lisboa, passei a ter acesso a tudo o que de mais importante acontecia no campo da música. Uma semana após chegar à capital, assisti à ópera D. João de Mozart no coliseu, fiquei deslumbrado. Pela primeira vez vi uma orquestra sinfónica.

Ainda em 1970 matriculei-me no Conservatório Nacional.

Em 1971, toquei 2º fagote na 7ª sinfonia de Beethoven com a orquestra do I.M.A.V.E. (formada por músicos da orquestra da Emissora Nacional) e dirigida pelo maestro José Atalaya, num concerto realizado no Teatro de S. Carlos.

Em 1972, frequentava o 2º ano de fagote, participei como 4º fagote na 6ª sinfonia de Mahler num concerto com a ex-orquestra da Emissora Nacional dirigida pelo maestro Efen Kurtz no cinema Tivoli. No ano seguinte, frequentando o 3º ano de fagote, como artista convidado, participei e desempenhei o lugar de 2º fagote numa tournée de 15 dias a Espanha com a Orquestra Gulbenkian.

Em 1975, fui selecionado para a Orquestra Mundial da Juventude. No final desse ano, ganhei o lugar de 2º fagotista da Orquestra Gulbenkian, através de concurso público, lugar que passei a ocupar a partir de janeiro de 1976.

Em 1977, venci o concurso para 1º fagote (solista principal) da Orquestra Gulbenkian através de concurso nacional e internacional.

Em 1978, assumi as funções de professor de fagote do Conservatório Nacional após Concurso Nacional.

Em 1983, concluí o curso de fagote do Conservatório Nacional.

Em 1988, fui convidado e passei a desempenhar as funções de professor de fagote da Escola Superior de Música de Lisboa até 2014.

Em 2000, concluí licenciatura em fagote.

Em 2010, concluí Mestrado em Pedagogia do fagote.

Em 2016 foi-me atribuído o Título de Especialista em fagote, mediante provas públicas, pelo Instituto Politécnico de Lisboa



Nunca fui estudar para o estrangeiro.

Penso que fiz um percurso completamente ao contrário do que é habitual, ou seja: concluí os cursos muito depois de conseguir os lugares.

Como não tenho espaço para explicar as várias mudanças e experiências que tive na minha carreira, elegi os 33 anos (mais 3 de artista convidado) que estive na orquestra Gulbenkian, para dizer que foi muito tempo de vida e muito tempo de arte. Foram os solos e alegrias dos sucessos, as obras dos grandes génios compositores, a interação com os inúmeros maestros e com os maiores concertistas do mundo, as viagens (viajei pelo mundo inteiro com a Orquestra Gulbenkian) e também os problemas e as alegrias. Tudo isto, foi um grande aprendizado pessoal e artístico, que me permitiu, sempre, estar preparado para responder a qualquer tipo de questão que quaisquer alunos me pudessem ou possam colocar.

Cessei as minhas funções de músico da Orquestra Gulbenkian em julho de 2009, e as de professor da Escola Superior de Música de Lisboa 2014. Continuo ainda a minha atividade de docente no Conservatório Nacional.

22 de maio de 2019

Autor: Arlindo Santos

(Músico/Associado da Casa do Artista)

SEGREDAR AO CORAÇÃO

Se ao coração falar alto, mas ao lado
 Posso nada dizer e até gritar
 Se o mesmo me atraíçoar
 Eu sou um ser infeliz e contristado

Sou filha de Deus que é alegria
 E com esse dom fui dotada
 Como posso ser triste e desgraçada
 Se posso desenvolver a fantasia

E com fantasia desenvolvida
 Convém não seja demais
 Para que não surjam os “ais”
 De vida mal resolvida

Com a mente bem treinada
 E o coração bem desperto
 Vou fazer o que está certo
 Sem dar acordo de nada!

Autora: Isabel Magro

(Mestra do Guarda-Roupa/Residente da Casa do Artista)

CANTINHO DOS PROVÉRBIOS

- 1- O que é achado não é _____;
- 2- _____ não quebra;
- 3- Todo o pé aleijado procura uma bota _____;
- 4- Vale mais um _____, que uma demanda;
- 5- Fica para a semana dos nove _____;
- 6- Se muito come o burro, mais burro é quem _____;
- 7- _____ e _____ precisam de ser untadas;
- 8- _____, apartamento;
- 9- Não é com _____ que se apanham _____.



(Provérbios cedidos pela residente e pianista Isabel Mexia)

(Ver soluções na página 13)



Para recordar...

**como era
antigamente!**

“as justificações
estéreis
e tardias
por absurdas no tempo
matam o amor”

do livro “A Nau Catrineta Naufragada no Amor”.

Edição Roma Editora

Miguel Barbosa
(Dramaturgo/Residente da Casa do Artista)

CANTINHO DAS ANEDOTAS

Há de facto lojas com facilidades especiais! ...

Numa loja:

- Boa tarde. Venho pagar a última prestação do berço do meu filho.
- E como vai o menino?
- Muito bem. Olhe, casa-se amanhã!

Enquanto há vida há esperança! ...

Era uma vez um casal que nunca saía de casa. Um dia o marido, que ia ao café, disse à mulher:

- Veste o casaco!
- Vais-me levar? – diz a mulher toda contente.
- Não. Vou desligar o aquecedor.

(Anedotas cedidas pela residente e Ponto de Teatro Natália Guimarães)



VIVA O TEATRO

Estou a viver nesta Casa, vai a caminho de vinte anos. Já por cá passaram muito Senhor Actor e muita Senhora Actriz como residentes, alguns felizmente ainda cá estão, outros já partiram deste Mundo. É a vida!

Vou recordar a nossa Manuela Maria, Laura Soveral, Anna Paula, Célia de Sousa, Couto Viana, António Évora, Clara Maria, Alda Pinto, João Rodrigo, Clara Rocha, Maria Candal, Maria da Nazaré, Dora Leal, Io Appolloni, Octávio de Matos, Joaquim Rosa, António Marques, Cecília Guimarães, Mariema, Deolinda Rodrigues, Anita Guerreiro, Graça Lobo, Armando Cortez, Raul Solnado, Luis Zagalo, José Melchior, Maria Sidónio, Graziela Mendes, Nina Flores, Madalena Braga, Simone de Oliveira, Júlio Coutinho, Spina, Francisco Froes, Luís Mendes, Elisa Lisboa, Helena Vieira, Maria Muñoz, Isabel Balbi, Mimi Burnay, Linda Silva, Morais e Castro, Fernando Gusmão, Armando Venâncio, Maria Adelina, Tomé de Barros Queiroz, Domingos Marques, Carlos Rosa, Carlos Coelho, Luís Pinhão, Fernanda Borsatti, Isabel de Castro, Isabel de Carvalho e Adelaide João.

Desculpem se me esqueci de alguém. É natural. A cabeça não dá para mais. Beijos para todos.

Autor: Júlio Coutinho

(Actor/Residente da Casa do Artista)

**“Faz o que gostas e nunca terás de trabalhar
um dia na vida.”
(Confúcio)**

RECORDAÇÕES

Ando numa de recordações. Neste momento recordo a minha infância. Sendo uma miúda muito alegre e gostando de tudo o que fazíamos. Lembro-me de saltar à corda e jogar à macaca e outras coisas para aquela idade. Com os aninhos lentamente a tomarem conta de mim, já me sentindo mais crescadinha, já brincava de outra forma, gostando de brincar com os rapazes, porquê? Porque eles tinham brincadeiras mais difíceis e como eu era audaz atrevia-me a fazê-las. Eram um pouco perigosas para a minha idade, mas queria imitar os rapazes, dando-me grande prazer. Fazíamos de tudo um pouco, como jogar ao eixo, à sameira. E como a nossa escola era em frente à minha casa, ficando mais elevada, tendo um portão muito alto e bonito, e lá resolvia eu subir ao dito portão. Tinha um terreno grande e um muro alto e largo, os postes de madeira, da electricidade, eram afastados do muro e resolvíamos atirar-nos para o poste e escorregar até ao chão! Eu adorava fazer aquilo, até que um dia feri a barriga com uma farpa ou um prego a escorregar pelo poste e lá fui à farmácia da D. Elisa, que me fez o curativo e ralhando comigo por fazer essas brincadeiras. Até que um dia a minha mãe olhou-me nos olhos e disse-me: já chega de essas brincadeiras malucas e perigosas. Quando é que brincas com bonecas e às casinhas, próprias para meninas? Concordei com a minha mãe e passei a gostar de brincar com elas, fazendo comidinha, para as minhas bonecas.

Mas a minha cabeça não parava e consegui convencer as minhas amigas a fazermos procissões. Arranjávamos os adereços e muita hera e lá fomos depois de mascaradas muito concentradas, levando muito a sério essa brincadeira. Como estava sempre a magicar em aventuras, com as minhas amigas fizemos uma aposta: elas iam de camioneta até uma determinada meta e eu iria a pé por pinhais a correr como uma gazela, para conseguir chegar primeiro e ganhar a aposta e lá consegui ganhar! Também fizemos espectáculos. A modista nossa amiga fazia os fatos em papel frisado e com lençóis e cobertas para o palco inventado. Também levámos bancos e cadeiras para a plateia. Lá fizemos as nossas palhaçadas e o dinheiro do público foi para comprar rebuçados e bolachas. Enfim foi uma festa com muita alegria!

Tenho que confessar que era muito vaidosa, não sei se é bom ou não, o que eu sabia é que gostava de vestidos bonitos. Numa bela tarde combinámos ir dar um passeio de bicicleta até à praia. Nesse dia levava o meu vestido preferido, até que quando chegámos ao meio do caminho tive um pequeno desastre, numa pequena descida e uma curva muito acentuada, de repente apareceu um carro em sentido contrário, fora de mão. Fiquei em pânico, acabando de me atirar com a bicicleta para a valeta. Resultado, o meu querido vestido ficou em muito mau estado, a rede da bicicleta destruída e eu toda esmurrada e alguns ferimentos sem gravidade. Claro que voltámos para casa, e lá pedalando só sabia lamentar o meu adorado vestido.



Um pouco mais tarde veio a guerra, não gostei e cheguei a chorar, foi muito doloroso e trágico, ia estragando a minha infância, mas não esqueci as carências que tivemos, mas os meus pais tudo faziam para atenuar esse problema. Eles não eram ricos, mas eu não os trocava por outros endinheirados. Adorei a minha infância e tudo o que os meus pais me ensinaram. Cheguei à conclusão que fui muito feliz.

Com esta idade recordo-me como se fosse hoje. Muita coisa ficou na minha cabeça, não transcrevendo para o papel. Era muito traquinas, mas também dócil e gostava de ajudar os outros. Estou muito sentimentalona a rever essa criança, que está dentro de mim. Estou a sentir uma ternura por mim mesma, será possível? Que bom é podermos recordar!


Autora: Maria Candal

(Actriz/Cantora Ligeira e Residente da Casa do Artista)

FACTOS Y FICCIONISMO

--- Mayumi, gerada na interceção de todos os caminhos do sonho existencial, logo a verdade, a sabedoria, o carácter (frontalidades ressumadas na expiração dos poros e baixo-relevo no sinete a autenticar-lhe a acta do nascimento) se refinaram nos caminhos do Porvir, aferindo, ajuizando todos os compêndios das programações rituais. Por isso, ao falar-se de aparições, relâmpagos, trovões, vendavais, cataclismos, arruda, mezinhas, malvas, e lampadários e ladainhas no treluzir de estearinas pelas penumbras dos dogmas, afirmo que foi Mayumi quem calçou as sandálias a Marco Polo para que trilhasse o caminho das sedas; salvou a China e os chineses dos ataques mongóis com a muralha-fábula; com o turíbulo dos desagavos, aspergiu lágrimas de sangue nos escombros de Hiroshima; que cultivava sementes no laboratório da sabedoria, e ensina a cultivá-las aos que pululam na interceção dos caminhos inquinados, para que, nos convénios circunstanciais do Poder, não mais se olvide que “o zangão acaba sempre por morrer no labirinto da colmeia”, pois a vida é metamorfose constante no casulo do quotidiano.

--- *Eu, Mayumi, que habito dentro de uma canção e saboreio as musicalidades oriundas das esferas do Cosmos, ao vencer um obstáculo --- minotauro por labirintos nos percalços da vida --- busco sempre, na matriz do amor, os a-propósitos perseverantes da cultura, da arte e, com a energia residual e telúrica do “eu”, inflamo o restolho das veredas ressequidas pela incúria dos acomodados ao narcisismo do umbigos. E, ao afirmar, “nunca olho para trás”, é, tão-só, defesa prosaica, pois aceno sempre um adeus ao templo onde se regateiam as facturas da vida, se discutem e catalogam saibos existenciais, e os esquemas do germinar da seiva no plantio de linhas de força a balizarem atavismos e dogmas, qual praga de gafanhotos no cotão das costuras bíblicas. Aos sorvos, bebo claridades dos trilhos da minha vontade e desnudo achaques de uma sociedade sem rol de humanismo global. Sou guerreira nata, qual amazona a tentar diluir as reminiscências dos pólenes templários que polvilham as brumas da História.*



--- O baú de acervos que Mayumi guarda na química da palavra, e no fito dos cromosomas-memória, inspiram-na ao derrube de obstáculos na caminhada perene para alcance do sopé do horizonte. Qual andorinha-alfa, porfia o rumo, mesmo que desnorteada pelos pilritares das andorinhas do bando, pela inflexão dos raios ultravioletas nos buracos do ozônio, ou por mega-crimes ambientais estudados, programados e definidos nos convênios economicistas.

--- *Se não pude escolher quem me trouxe ao mundo, quero ser eu na busca do caminho até aos contrafortes do horizonte. E, perdido que foi o ouro da inocência, não mais acalentei sensações de festa. No entanto, ambiciono quem me ameigue no caminho e que, no fundo dos meus olhos, me reencontre as inocências perdidas quando, calada, me isolo e falo de mim: meus querer e não-querer, mágoas, feridas, dor, tristezas, insipiências, desejos, vontades, anseios, frustrações; e as neuroses que germinam nos ócios, nas tempestades do quotidiano e que afundam ao patamar do subconsciente. Um amigo que, atento a desaprumos de uma debilidade ocasional, me ampare, brigue por mim, ampare os vacilares do meu ser, entenda os pulsares da minha alma e me respeite as idiosincrasias fraternas, religiosas e políticas, e os estímulos da sensualidade provida dos deuses; acate a minha rebeldia, arqueira que sou de frechas vanguardistas e, nos conflitos mesquinhas, tenha a sensibilidades de aceitar o estender sincero da justiça da minha mão; e que, no turbilhão de uma intempérie tribal, encarne um Moisés a ludibriar o exército de Ramsés no a-propósito de uma maré-baixa, salvando os gentios do intento bélico de Osiris no fluxo e refluxo de uma onda obediente a um Jeová já em processo de aposentadoria.*

--- Se, naqueles tempos, dor foi pústula em versículos, nos hoje é anátema: envenena a linfa das essências do ser, turva as claridades ao espírito e distorce as linhas de força da felicidade desde o espólio fraticida de Caim. E, assim, vencida que seja a escuridão pelo reluzir da lamparina no supé do horizonte, Mayumi, seareira de ideias, lançará novas sementes na plantação que cultiva nos seus recônditos, pois, viver, é metamorfose constante no casulo do quotidiano: como que habitar dentro de uma canção na busca de um intérprete.

Autor: Afonso Henriques

(Técnico da Central Técnica de Programas da EN-RDP/Residente da Casa do Artista)

9 - - ... Vinagre ... moscas.
8 - Casamento, ... ;
7 - Rodas ... advogados ... ;
6 - ... Ihe dá;
5 - ... dias;

4 - - ... mau acordo ... ;
3 - - ... torta;
2 - Bom aço ... ;
1 - - ... é roubado;

SOLUÇÕES

**PROPRIEDADE:
APOIARTE
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890

Correio Eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net



[https://www.facebook.com/
ApoiarteCasadoArtista/?
ref=settings](https://www.facebook.com/ApoiarteCasadoArtista/?ref=settings)



“apoiarte_casadoartista”

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA - Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a actividade do espectáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objectivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



AGENDA CULTURAL

SALA BEATRIZ COSTA:

7 de Junho (sexta-feira), 15 horas - Actuação do “Grupo Vozes do Estoril—Música Popular;

12 de Junho (quarta-feira), 15 horas - Comemoração do Santo António, com o acordeonista Tino Costa;

14 de Junho (sexta-feira), 15 horas - “Passear pela Música”, com a presença de Esmeralda Reis e Natércia Oliveira (vozes), a acordeonista Marta Garrido e na viola Zeca Rodrigues;

18 de Junho (terça-feira), 15 horas - Actuação do Coro “I Cantori”;

19 de Junho (quarta-feira), 15 horas - Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”;

21 de Junho (sexta-feira), 15 horas - Partilha de “Quadras Populares”, pelo Animador Sociocultural e Residentes;

TEATRO ARMANDO CORTEZ:

- **Teatro Infantil de Lisboa (TIL)** apresenta “O Feiticeiro de Oz”, encenação e coreografia de Victor Linhares;
- **Yellow Star Company** apresenta “Monólogos da Vagina”, com Júlia Pinheiro, Paula Neves e Joana Pais de Brito. Texto de Eve Ensler e encenação de Paulo Sousa, até ao dia 15 de Junho.

Ficha Técnica

Edição:

Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Coordenação:

Carla Andrino
(Psicóloga Clínica/Actriz/
Vogal da Direcção da Casa
do Artista)

Revisão:

Fernando Tavares Marques
(Actor/Tesoureiro da Direc-
ção da Casa do Artista)

Periodicidade:

Mensal

Tiragem:

50 exemplares

Nota: Este Boletim não foi redigido ao abrigo do Acordo Ortográfico.